

O Possível, das paixões em análise'

Colóquio Internacional Buenos Aires

Amor, Ódio, Ignorância

Desafios na direção da cura

Maria Victoria Rivolta. (Trieb)

31 de maio de 2024

Amor e ódio entrelaçados garantem que as coisas corram mais ou menos bem, interessantes palavras de Lacan no seminário Encore, e que nos convidam à reflexão.

Este comentário do mestre francês nos ajuda a pensar algumas situações cotidianas que muitas vezes são indiferentes ao conjunto da sociedade.

Hoje, mais do que nunca, o mundo enfrenta uma realidade atormentada por conflitos e tensões que ameaçam a estabilidade e a paz global. Desde os Balcãs até Médio Oriente, passando por África e Ásia. O espectro da guerra paira sobre as nossas sociedades, deixando um rastro de devastação e sofrimento.

As causas destes conflitos são múltiplas e complexas, enraizadas em disputas étnicas, religiosas, políticas e económicas que parecem inconciliáveis. Os interesses geopolíticos das grandes potências, as lutas pelo controle dos recursos naturais, as ideologias radicais e as ambições excessivas dos líderes autoritários, têm contribuído para alimentar um ciclo de violência que, pela sua condição, parece não ter fim.

2

Esses acontecimentos atuais mostram a validade irremediável do texto freudiano “O Mau-estar na Cultura”. Surge assim a questão: o que sustenta esta infinidade de situações que marcam o império do catastrófico em relação à condição humana?

Tomando o que disse Lacan, poderíamos considerar que, diante do sofrimento de milhões de pessoas, encontramos na cultura um exemplo completo onde o ódio e o amor não estão mais interligados. Este desligamento permite-nos considerar o ódio na sua vertente segregacionista. Versão real do ódio, e onde está, mostra o seu lado mais cruel. Versão, em que se desconhece a mera condição humana do pequeno outro e que precisa ser aniquilada.

Sabemos por Freud, pelo Projeto Psicologia, que o ódio é primário e, portanto, inevitável. Assim, a sua incidência permite a necessária separação do Outro primordial, separação com perda, necessária para poder existir.

Nessa linha, a existência do locutor será marcada pela perda do gozo do viver, porém, do gozo último que nos habita.

Para Lacan, como outro efeito da linguagem, localizam-se as três paixões do ser: o Amor, o Ódio e a Ignorância.

Agora, a partir da psicanálise, como podemos pensar a ocorrência dos referidos acontecimentos a partir das paixões do ser? Paixões que Lacan, desde seu primeiro seminário, apresenta como formas de realizar o ser. Como sabemos que ser e sujeito não são a mesma coisa; O sujeito se constitui como falta, então, o ser se realiza pela paixão, ou seja, as paixões funcionariam como tampa para essa falta real.

Por outro lado, Lacan considera essas paixões fundamentais porque estão entrelaçadas com a constituição do sujeito e suas relações com os outros.

Porém, nos acontecimentos descritos onde encontramos pactos sociais devastados e relações com outros que se revelam uma ameaça. Ou seja, na versão segregativa do ódio, é onde encontro que o ódio ganha destaque, como uma paixão. Isto visa o ser, a destruição do ser do outro e quebra toda possibilidade de pactuação. A partir de diferentes argumentos e justificativas ouvimos discursos que anulam as diferenças, apresenta-se um ódio que não se esconde, mas pelo contrário se mostra obscenamente, excluindo o conhecimento.

Como resultado, atravessamos uma época em que o aumento da intolerância é uma ocorrência quotidiana. No Seminário “*Os Escritos Técnicos de Freud*”,

Lacan destaca: “é no cotidiano, onde o ódio encontra os objetos dos quais se alimenta”[i]. Cotidiano que o naturaliza.

Acho que o que Lacan afirmou em 1953 pode ser perfeitamente articulado com outro texto de 1967, a “*Proposição de 9 de Outubro*”, e por sua vez, relacionado com o texto freudiano de “*O Mau-estar na Cultura*”. Sua leitura permite colocar a hipótese de que a queda do Nome do Pai da época estaria nas dificuldades de estabelecer o pacto simbólico necessário para metabolizar o gozo e regular o vínculo social. Isto levaria ao retorno à realidade, à explosão da segregação, como facticidade.

Isto nos leva a pensar: o que é odiado? Odiamos a alteridade radical do Outro que nos habita com seu gozo e que é inacessível ao conhecimento. A questão é que quando isso se desprende do amor daí, o outro acaba sendo aquela coisa insuportável que deve ser exterminada.

4

Ora, esse ódio-paixão é do mesmo tipo que aquele que se manifesta na constituição de um sujeito?

Na neurose, o sujeito tenta sustentar, a partir da consistência imaginária do Outro, sustentar a sua própria com o falso ser da fantasia. Mas em ambas as paixões, amor e ódio, o vazio da causa é rejeitado à maneira de uma expulsão. É aqui que podem ser ligados à terceira paixão: a ignorância.

E na epígrafe da aula intitulada do Barroco dirá: “Onde aquilo fala, goza e não sabe nada”¹ e acrescenta que isso significa: quando aquilo fala, não só não pensa, como também não quer saber absolutamente nada.

A questão do amor está ligada à do conhecimento [2] , nos dirá Lacan. Porém, existe um conhecimento desconhecido, o que não pode ser escrito, a inexistência da relação

¹ Lacan Jaques, Livro do Seminário XX “Encore” Turma 05/08/1973. Ed. Paidós.

² Lacan Jaques, Livro do Seminário XX: “Encore” Turma 10/04/1973, Ed. Paidós.

² Ibíd. Aula 26/06/1973.

sexual. Como consequência desta inexistência, as paixões levadas ao extremo, na tentativa de dar consistência, podem ter consequências devastadoras. Não só nos acontecimentos que mostram a agitação da cultura, mas também naquelas apresentações fantasmagóricas. Formas como o Ser é jogado, em diversas tentativas de consistência.

Se considerarmos a experiência de análise como aquilo que constitui o conhecimento sobre a verdade, é sustentando que “não há existência da relação sexual no dizer”¹ então haverá uma verdade que só pode ser semi-dita .

5

Agora, para concluir, “não hesito em escrever odioamoroamento”² isto para nos lembrar que em análise o amor não se conhece sem o ódio. Mantendo a ignorância como paixão, na medida em que o sujeito estará irredutivelmente determinado por um conhecimento desconhecido, impossível, que conhece o sujeito, na medida em que o determina.

Então a análise será o marco onde as paixões articuladas à função desejo do analista, poderão encontrar o seu limite e conseqüentemente revelar-se como afetos, estabelecendo assim um saber fazer para o analista.

¹ Ibíd. Aula. 20/03/1973.

